Série Memória 146

Editada pelo Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura

Álvaro Páscoa

Luciane Páscoa

Mestre em História, PUC/SP
Doutoranda da Universidade do Porto, Portugal
Professora da UEA.

Álvaro Reis Páscoa, (Oliveira do Bairro, Portugal, 1920 – Manaus, Brasil, 1997) foi escultor, entalhador, gravurista e professor. Realizou sua formação acadêmica e artística em Portugal, onde cursou a Escola Acadêmica do Porto e o curso comercial da Escola Raul Dória na mesma cidade. Seu pai, José Reis Páscoa imigrou para o Brasil no início do século XX, estabelecendo negócios em Manaus. Manteve até a década de 30 negócios simultâneos na cidade do Porto e em Manaus. Durante sua juventude em Portugal, Álvaro Páscoa tomou contato com os mestres da pintura francesa, tais como Paul Cézanne e Claude Monet, e através da observação destas obras começou a esboçar seus primeiros desenhos e esculturas, de maneira autodidata. Aos vinte anos afastou-se de suas atividades por motivos de saúde e o isolamento fez com que aprimorasse seu desenho, experimentando também a escultura e o entalhe, técnica tradicional do norte de Portugal. Tinha interesses culturais diversificados, pois dedicava-se ao estudo da poesia portuguesa clássica e contemporânea, do teatro e do cinema. Neste sentido, esteve envolvido na vida cultural portuense entre 1945 e 1958, momento em que despontava o movimento neorrealista na literatura e nas artes plásticas em Portugal. Leitor assíduo de Álvaro Cunhal e Alves Redol, logo identificou-se com a ideologia comunista, cuja preocupação social se fez presente em sua produção artística. Nesse período tomou contato com as obras dos artistas neo-realistas portugueses, tais como Cipriano Dourado (1921-1981), Rogério Ribeiro (1930), Manuel Ribeiro de Pavia (1910-1957), Augusto Gomes (1910-1976), Lima de Freitas (1927-), Eduardo Luís (1932-1988) e Júlio Pomar (1926-). O grupo neorrealista adotou uma posição contrária à ditadura salazarista e com isso muitos artistas foram perseguidos pela Pide, a polícia política. No final dos anos 40, Páscoa participou das primeiras reuniões e debates do Círculo de Cultura Teatral, que em 1952 integraria o Teatro Experimental do Porto (TEP), grupo que reuniu intelectuais, atores, poetas e artistas plásticos ligados à vanguarda. Como sócio do TEP, Álvaro Páscoa manteve um contato estreito com o encenador, teórico e artista plástico António Pedro (1909-1966), considerado o precursor do movimento surrealista em Portugal, e com o neorrealista Augusto Gomes, que liderava uma equipe de cenografia no TEP. Neste mesmo ambiente, travou contato com o poeta Egito Gonçalves, autor de Notícias do Bloqueio e de uma obra engajada com as questões sociais, com o qual manteve correspondência mesmo após sua imigração para Manaus. Álvaro Páscoa também foi sócio e freqüentador do Cineclube do Porto, entidade comumente censurada pela polícia política. No TEP, no Cineclube e também no ambiente do Café Suísso, de propriedade da família Páscoa, ele exercia de modo cauteloso e discreto sua militância política, como era a prática de difusão de idéias adotada naquela época. A

atuação e o convencimento eram feitos em pequenas células, de modo que não despertasse qualquer desconfiança. O renomado arquiteto e artista plástico português Fernando Lanhas (1923-), precursor do abstracionismo em Portugal, frequentava assiduamente o Café Suísso, pois seu escritório ficava no mesmo prédio e conversava longamente com Álvaro Páscoa. Desse tempo, Fernando Lanhas recorda-se: "Quando se recorda o caráter e a dignidade de um amigo como o Álvaro Páscoa, ficamos com a certeza de uma estatura inabalável e firme. E que não se esquece. A contingência da vida atirou-nos, um e outro, para cada lado do mundo. O Páscoa, magro, cabelo corrido, invariavelmente de capa e batina, e eu, encontrávamo-nos no Café Suísso para conversas de observação das coisas. Argumentávamos sempre de acordo. Era e é um Artista, o meu amigo Páscoa. Se a vida é de sonhos, este é um sonho de saudade".

Como a família possuía uma casa de veraneio em Espinho, lá também Álvaro Páscoa agiu no meio cultural, sendo um dos fundadores do Cineclube daquela cidade, ao lado de António Gaio e Augusto Mota, que formariam um governo municipal comunista com a queda de Salazar. Houve nesta época uma tentativa de organizar o Teatro Experimental de Espinho, por este mesmo grupo que também abrigava outros intelectuais e artistas como Mário Ramos, Mário Neves, Luís Andrade, António Matos e Domingos Monteiro. A crescente repressão ditatorial salazarista e a crise econômica desencadeada pela Segunda Guerra Mundial, somou-se ao falecimento de José Reis Páscoa em 1946. A direção dos negócios foi repassada aos filhos, mas a dificuldade financeira do pós-guerra obrigou o encerramento definitivo do Café Suísso em 1958, e no mesmo ano Álvaro Páscoa transferiu-se para o Brasil, precisamente para Manaus. Ao chegar aqui, trabalhou inicialmente na Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas e logo integrou-se aos movimentos culturais existentes, em especial, o Clube da Madrugada. Como já conhecia as tendências da vanguarda européia, influenciado sobretudo pelo neorrealismo e pelo expressionismo, o caráter social de sua obra tornou-se ainda mais acentuado no Amazonas, a partir da observação dos costumes da população, do trabalho dos caboclos e de suas feições características. Na década de 60, fez muitas ilustrações e capas de livros de poetas e escritores do Clube da Madrugada, além de colaborar assiduamente com suas xilogravuras na página artística "Caderno Madrugada" em O Jornal. É possível afirmar que a técnica da xilogravura foi introduzida em Manaus através de Álvaro Páscoa, e depois foi propagada por outros artistas, como Getúlio Alho, José Maciel e Afrânio de Castro.

Da sua atividade artística, pode-se dizer que participou de várias exposições promovidas em Manaus pelo Clube da Madrugada, tais como o I Salão de Artes Plásticas do Clube da Madrugada e a I e III Feira de Artes Plásticas, com esculturas, gravuras, entalhes e desenhos. Durante sua trajetória exerceu vários cargos públicos: foi guia e professor da Pinacoteca Pública do Estado, assistente de arte do Teatro Amazonas (onde realizou cenários para ballet e teatro), diretor dos Museus do Estado, diretor da Pinacoteca do Estado, superintendente da Fundação Cultural do Amazonas (hoje Secretaria de Estado da Cultura), dentre outros exemplos. Foi também membro fundador do Conselho de Cultura do Estado e do Grupo de Estudos Cinematográficos – GEC. Recebeu menção honrosa no gênero escultura no I Salão de Artes Plásticas da Amazônia, em Belém do Pará, promovido pela Universidade Federal daquele Estado. Participou de uma exposição coletiva de artistas amazonenses no Museu de Arte de São Paulo em 1967. Conquistou o 1º Prêmio do Concurso para a execução do mural As Forças Armadas e a Integração da Amazônia, obra executada com cerâmica colorida na fachada do Colégio Militar de Manaus. São de sua autoria os monumentos em bronze a Gonçalves Dias e Agnello Bittencourt, localizados em praças de Manaus. Suas obras figuram em museus e entidades públicas como: Museu do Vaticano em Roma, Museu do Porto de Manaus e acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas. Suas obras também estão em coleções particulares em Manaus, Rio de Janeiro, Brasília e Portugal. Sobre sua atividade pedagógica, foi professor de história da arte, desenho e xilogravura no curso de desenho e pintura da Pinacoteca do Estado do Amazonas, contribuindo para a formação de vários artistas amazonenses, tais como Hahnemann Bacelar, Van Pereira, Thyrso Muñoz, Zeca Nazaré, dentre outros. Foi curador e organizador de várias exposições da Pinacoteca do Estado do Amazonas, da Emantur, e de salões independentes, como o Salão Aberto de Artes em 1976.

Bibliografia:

PÁSCOA, A. Pasta de Documentos Textuais. Manaus, s d. N.º AP1.13.
LANHAS, F. Depoimento escrito de Fernando Lanhas. Porto, fevereiro de 2004.
ARTE Portuguesa nos Anos 50. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga
Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga
na sessão solene de posse em 1º de janeiro de 2003.

8ª edição – n.º 146 – novembro-2009

Governador do Amazonas
EDUARDO BRAGA

Vice-Governador do Amazonas
OMAR AZIZ

Secretário de Estado da Cultura
ROBÉRIO BRAGA

Assessor de Edições
ANTÔNIO AUZIER

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura